

O ódio enquanto expressão de pulsão de vida e força engendradora de mudanças

Hatred as a life drive and a change-generating force

El odio como expresión de la fuerza vital y como motor del cambio

Marcus Vinícius Branco de Assis Vaz

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo ilustrar como o ódio, embora tipicamente associado a conceitos como destruição, aniquilamento e pulsão de morte, pode ser visto como manifestação de pulsão de vida, promovendo melhor organização psíquica e ainda engendrando mudanças para além das individuais, especialmente na esfera sociopolítica, e dessa forma, desassociando-o da associação exclusiva com a pulsão de morte e realçando seu aspecto dialético na relação entre as realidades psíquica e material. Com um apanhado de autores clássicos, tais como Freud, Klein e Winnicott, e trabalhos mais contemporâneos, propõe-se aqui uma reflexão sobre este sentimento e de que forma ele pode ser canalizado e orientado para agenciar transformações e revoluções verdadeiras e contundentes.

Palavras-chave: ódio, pulsão de vida, pulsão de morte, dialética, transformações

Abstract

This paper aims to illustrate how hatred, although typically associated with concepts such as destruction, annihilation, and the death drive, can be seen as a manifestation of the life drive, promoting better psychic organization and even engendering changes beyond the individual, especially in the sociopolitical sphere, thus dissociating it from this exclusive association with the death drive and highlighting its dialectical aspect in the relationship between psychic and material realities. With a selection of classic authors, such as Freud, Klein, and Winnicott, and more contemporary works, this paper proposes a reflection on this feeling and how it can be channeled and directed to bring about true and impactful transformations and revolutions.

Keywords: hatred, life drive, death drive, dialectics, transformations

Resumen

Este artículo pretende ilustrar cómo el odio, si bien se asocia típicamente con conceptos como destrucción, aniquilación e instinto de muerte, puede concebirse como una manifestación del instinto de vida. Este instinto promueve una mejor organización psíquica e incluso genera cambios que trascienden al individuo, especialmente en el ámbito sociopolítico, disociándolo así de su asociación exclusiva con el instinto de muerte y resaltando su aspecto dialéctico en la relación entre las realidades psíquicas y materiales. A través de una selección de autores clásicos, como Freud, Klein y Winnicott, y obras más contemporáneas, este artículo propone una reflexión sobre este sentimiento y cómo puede canalizarse y dirigirse para propiciar transformaciones y revoluciones auténticas e impactantes.

Palabras clave: odio, instinto de vida, instinto de muerte, dialéctica, transformaciones

O ódio é, ao mesmo tempo, encarado e discutido de duas formas diametralmente opostas: por vezes, tal qual inicialmente concebido por Freud, é visto como sentimento totalizante, monolítico e concreto; contudo, também é visto e analisado, segundo autores como Donald Winnicott, como emoção complexa, fluida, carregada de nuances, com diversas expressões e manifestações.

De um lado, parece prevalecer a noção de que o ódio está associado à aniquilação e destruição, ou seja, como parte da face da pulsão de morte. Em seu *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*, David Zimerman (2008, p. 272) atesta que Freud explica tal conceito utilizando a metáfora segundo a qual “assim como amor e ódio por uma pessoa habitam nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda vida conjuga o desejo de manter-se e o desejo da própria destruição”. Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010, p. 163) assevera que “partimos da grande polaridade de instintos de vida e instintos de morte. O próprio amor objetal nos mostra uma segunda oposição assim, aquela de amor (afeição) e ódio (agressão)”.

Ao discorrer sobre a mesma obra de Freud, em seu artigo *O que Sigmund Freud nos fala sobre o ódio*, Joelma Galvão de Lemos (2019, p. 183) afiança que “Sigmund Freud apresenta uma nova dualidade das pulsões: se antes as pulsões de sexualidade eram ligadas a Eros, e as pulsões de autoconservação, ao ódio, o autor afirma que as pulsões sexuais e as de autopreservação são representantes de Eros, enquanto o ódio representa a pulsão de morte”. Portanto, tem-se desenhado um espectro, em cujos polos se encontram a vida (amor), de um lado, e a morte (ódio), do outro. Já em seu trabalho *A força psíquica do ódio: reflexões de Freud a partir de estudos clínicos clássicos*, Alexandre Fernandes Correa (2022, p. 740) atesta que “o ódio é pensado como representante das pulsões de autoconservação com a função de expulsar o sadismo para fora a fim de proteger o eu”; em um segundo momento, afirma (2022, p. 740)

que o ódio “é concebido como exteriorização da pulsão de morte”.

Já com relação à visão kleiniana do ódio, Richard Theisen Simanke, em seu artigo *Além do bem e do mal - Algumas considerações sobre a visão psicanalítica do ódio*, atesta (2019, p. 138) que “o ódio produzido pela inveja é direcionado à própria existência do objeto. É um ódio que tem como alvo a vida e o ser na sua totalidade”. Já em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, Freud (1933/2010, p. 252) afirma que “nós supomos que haja dois tipos de instintos essencialmente diversos, os sexuais no sentido mais amplo, o Eros, se preferirem o termo, e os agressivos, cuja meta é a destruição.” Ou seja, a agressividade, assim como o ódio, é comumente atrelada a forças a serviço da desordem e fragmentação.

Não obstante o anteriormente exposto, proponho neste artigo uma reflexão sobre como o ódio e a agressividade podem ser integrados e vistos à luz da pulsão de vida e sobre seu poder instigador e estimulador para gerar vida e engendrar mudanças, enfatizando, além da relevância em termos de desenvolvimento psíquico, sua importância enquanto elemento que opera na dialética entre as realidades interna e externa, promovendo transformações individuais e coletivas.

A produção psicanalítica atual vem trazendo uma nova perspectiva sobre o ódio e a agressividade, para além dessa visão destruidora e aniquiladora. Simanke (2019, p. 126) atesta que “para Freud e para muitos daqueles que levaram adiante sua reflexão sobre essas questões, o ódio pode perfeitamente cumprir uma função construtiva na vida mental. Em outras palavras, o ódio não é necessariamente um mal”. Já Melanie Klein (1937/1996, p. 353) atribui peso e importância à agressividade ao dizer que “não existe nenhuma atividade produtiva onde não esteja presente de alguma maneira uma certa quantidade de agressividade”, além de afirmar (1937/1996, p. 375) que “a agressividade arcaica da criança estimula a pulsão de compensação e

restauração”. Contudo, nenhum outro autor enfatizou o fato de que o ódio e agressividade podiam ser enxergados por uma óptica que vai muito mais além de tal faceta destruidora e natureza aniquiladora quanto Winnicott.

Ele (1959/1990, p. 117) afirma que “agressão é vista mais como evidência de vida” e (1950/1986, p. 288) que “se a sociedade se encontra em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em consequência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos”; ou seja, a agressividade, por si só, não desempenha papel destruturador ou destrutivo, tendo inclusive um lado construtivo e fundamentador; o grande perigo se encontra justamente no apaziguamento deste sentimento. Neste sentido, Fábio Stocker, em seu trabalho intitulado *A Agressividade*, afiança (2007, p. 254) que, segundo Winnicott, a agressividade “é usada como uma forma de contato com o mundo externo, como comunicação, experiência, reconhecimento do espaço, formadora de self”. Dessa forma, a agressividade é encarada como força de ligação e integração. Além disso, Winnicott (1950/1986, p. 291) propõe que “se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, ocorre também a perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos”. Ou seja, é nesta ocasião primitiva que a criança se capacitará a relacionar-se com objetos e a conseguir direcionar sua agressividade quando essa for uma atividade proposital.

No *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*, Zimerman traz algumas perspectivas sobre o ódio de acordo com Winnicott. Primeiramente, afirma (2008, p. 304) que, “juntamente com o desenvolvimento da capacidade para amar, o bebê também deve desenvolver uma capacidade para odiar [...] e que o bebê pode vir a fazer um bom uso da agressividade armazenada”; posteriormente, ela postula (2008, p. 204) que Winnicott “jamais reconheceu a teoria de M. Klein segundo a qual o ódio do bebê é entendido como inato e como manifestação da inveja

primária, logo, da pulsão de morte”. Portanto, mais uma vez, pode-se ver como Winnicott traz uma visão mais construtiva e instrumental do ódio, enquanto elemento de uma atividade de natureza de vida e constitutiva.

Tal análise e interpretação do ódio como ato afirmativo e força vital pode ser usado como ferramenta para engendrar mudanças, fomentar fortalecimento e potencialidades, tanto na esfera clínica quanto sociopolítica. Maria Neuma Carvalho de Barros e Zeferino de Jesus Barbosa Rocha (2013, p. 519) trazem uma perspectiva interessante sobre o ódio e seu papel na clínica psicanalítica. Analisando determinado caso clínico (Ana), eles mostram, em relação à paciente, que “em suas defesas e relações se infiltravam afetos de ódio que, cúmplices do eu, acionavam um trabalho psíquico a serviço da preservação de sua integridade narcísica, protegendo-a, para que não se deixasse invadir pela problemática familiar”, o que acabou por revelar “uma dimensão do ódio tanto quanto diversa da face destrutiva consensualmente evidenciada nas leituras que dele se faz”.

Segundo os autores (2013, p. 520), o ódio teria uma “dimensão positiva com que, na perspectiva psicanalítica, [ele] pode se revestir, como afeto necessário na vida psíquica e elemento dinâmico de afirmação do eu”. No caso de Ana, o ódio expressado nas sessões era, mais do que tudo, uma expressão de autoconservação e afirmação diante de uma dinâmica familiar marcada pela desesperança:

Nasceu menina quando a mãe esperava um filho; tinha vergonha do pai drogado, era molestada por um tio, comparada pelos de casa a uma prima maluca, e ela própria se identificava apenas com a irmã homossexual: todos da casta dos desvalidos, em que a própria Ana se incluía. O contato com o ambiente adverso lançou-a em uma via entre estranhamento e ódio e deixou-a fixada em uma posição de ressentimento e defesa narcísica (Barros & Rocha, 2013, p. 522).

Ao final, em sua análise, Ana “paulatina-mente viabilizou a vivência, expansão e simbolização do ódio, e, por conseguinte, o reordenamento subjetivo” (Barros & Rocha, 2013, p. 523). Ou seja, foi obtido um ganho substancial, organizador e propulsor de mudanças em sua organização psíquica, o que se refletiu em sua realidade objetiva e material. Barros e Rocha (2013, p. 525) ainda trazem uma reflexão importante acerca do ódio na clínica psicanalítica ao mostrar que “a literatura psicanalítica também se restringe, basicamente, ao ódio destrutivo, apesar de a clínica dia a dia evidenciar que nem sempre o ódio quer a destruição e, por vezes, desempenha função positiva”, concluindo que “a depender da vicissitude que o ódio assume, interpretação e manejo devem variar; e o reconhecimento de seus diversos propósitos na economia psíquica demanda sensibilidade clínica e criatividade na forma de traduzi-lo”. Trata-se de uma importante contribuição na análise do ódio enquanto possibilitador de organização psíquica e de como sua presença em situações clínicas não necessariamente deve ser encarada do ponto de vista de desagregação, destruição e pulsão de morte.

Em sua condição dialética, o olhar sobre a organização psíquica deve estar sempre atrelado à realidade material que nos rodeia; por isso, propõe-se aqui como uma nova mirada acerca do ódio pode trazer reflexões e propor caminhos para transformações em nosso mundo, sociedade e política. Ao discutir Marx, Lênin atesta o seguinte:

A doutrina de Marx suscita em todo mundo civilizado a maior hostilidade e o maior ódio de toda a ciência burguesa (tanto a oficial como a liberal) (...) e não se pode esperar outra atitude, pois, numa sociedade baseada na luta de classes, não pode haver ‘imparcial’ (...) De uma forma ou de outra, toda a ciência oficial ou liberal defende a escravidão assalariada, enquanto o marxismo declarou uma guerra implacável a esta escravidão. (1913/1977, p. 35)

Ao declarar guerra a essa escravidão, Marx enfatiza como as relações sociais são marcadas pelo conflito, sendo que o ódio é muitas vezes a resposta a esse conflito, e como o ódio dos oprimidos contra os opressores é uma força poderosa. Lênin ainda afirma (1913/1977, p. 39) que “para vencer a resistência dessas classes só há um meio: encontrar na própria sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luta, os elementos que possam — e, pela sua situação social, devam — formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo”. Assim, o ódio, o descontentamento e o ultraje são elementos que podem despertar nosso olhar de forma crítica e contundente, de modo a abrir uma vertente transformadora, revolucionária e desencadeadora de mudanças. Deve-se analisar nosso cenário político e social como uma lupa e com isso buscar, através do ódio contra todas as injustiças, mazelas e aflições da sociedade, a força que faz varrer o velho e surgir o novo. Depreende-se aqui como o ódio está atrelado à pulsão de vida, no sentido de pulsões criativas e produtoras de vida.

A escritora alemã Şeyda Kurt também traz uma perspectiva similar quanto ao ódio como elemento útil do ponto de vista político. Em entrevista sobre seu livro *Hass: Von der Macht eines widerständigen Gefühls* (Ódio: sobre o poder de um sentimento de resistência), ela aborda como o ódio compartilhado por um inimigo comum pode dar a um movimento político a intensidade e a tenacidade necessárias, podendo ser também um método de autodefesa e um instrumento de libertação. Nessa entrevista, a autora faz uma observação bastante perspicaz acerca do ódio enquanto instrumento político:

A filósofa Hilge Landweer faz uma distinção entre *Verachtung* (desdém) e *Hass* (ódio). Ela argumenta que o desdém se encaixa perfeitamente no cenário emocional neoliberal, porque é um gesto de se afastar e desumanizar a outra pessoa, não a levando a sério. O ódio, por outro lado, leva seu objeto muito a sério. Em um sistema de hierarquias de

classe, há desdém de cima e ódio de baixo. A classe dominante não precisa levar o inimigo a sério na maioria das vezes – a menos que a classe trabalhadora se organize e faça greve. Mas quando você é uma pessoa oprimida, você realmente tem que levar sua opressão a sério, porque do contrário você não consegue existir. Você não consegue sobreviver. Para mim, é precisamente o foco no outro que dá ao ódio seu potencial transformador (Kurt, 2023).

Kurt (2023) apõe ainda que, “da perspectiva da classe dominante, o ódio aos opressores não deve e não tem que existir, porque pode ser perigoso para o status quo. Por essa razão, expressões de ódio são punidas”. Contudo, ao final da entrevista, a autora mostra que o caminho final é sempre uma realidade de mais amor e ternura. Ao elaborar sobre como uma política de ódio pode nos levar a um mundo mais amoroso, ela diz que “se você quer um mundo de ternura e amor, é preciso saber o que não queremos. Creio que o ódio é uma bússola muito boa para indicar o que não queremos para a sociedade que estamos construindo”, concluindo que “precisamos odiar a opressão e a injustiça, assim como amar a justiça e saber pelo que estamos lutando”. Sendo assim, o ódio é um instrumento de operação de mudanças; um meio e não um fim.

Em conclusão, propõe-se aqui um exercício caracteristicamente psicanalítico, que consiste em não aplicar absolutos e trazer à luz uma interpretação mais relativizada e heterogênea sobre um determinado conceito - neste caso, o ódio e toda a gama de emoções e sentimentos que o acompanham. Conforme preconizado por Winnicott, desde a primeira infância, o ódio ocupa um papel central na formação do indivíduo, em sua personalização e no estabelecimento de objetos e relações objetais. Paradoxalmente, e como em qualquer relação dialética, o ódio no campo da realidade material engendra um despertar coletivo e social, direcionando

críticas e desprezo a estruturas dominantes e opressoras e trazendo consigo uma noção de coletividade, bem-estar social e combate às injustiças, marcas da pulsão de vida, que sem o ódio e agressividade, é somente aplacamento, não havendo nada mais aplacador que a pulsão de morte. Sem a força catalisadora do ódio, não haveria mudanças, revoluções e transformações, seja no campo psíquico individual ou coletivo sociopolítico, apenas complacência, isto é, uma expressão da pulsão de morte em sua face mais perversa.

S Referências

- Barros, M.N.C., & Rocha, Z. J. (2013). Ódio, cúmplice do Eu. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund*, 16(4), 518–528. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/F68pLvHqc9t855LNdwgssMw/?lang=pt>
- Correa, A. F. (2022). A força psíquica do ódio: reflexões de Freud a partir de estudos clínicos clássicos. *Open Science Research*, Macaé, Vol. 7, 735–50. <http://dx.doi.org/10.37885/221010526>.
- Freud, S. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Além do princípio do prazer e Outros textos*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1930-1936/2010). Angústia e Instintos. Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*, Vol. 18, 224-262. Companhia das Letras.
- Klein, M. (1937/1996). Amor, culpa e reparação. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Imago.
- Kurt, Ş. (abr. 2023). Is Hate Politically Useful? [Entrevista concedida a] Harry Stopes. *Novara Media*, Londres. <https://novaramedia.com/2023/04/17/is-hate-politically-useful/>
- Lemos, J. G. (dez. 2019). O que Sigmund Freud nos fala sobre o ódio? *Psicanálise & Barroco em revista*, 17 (3), 177-190.
- Lênin, V. U. (1977). As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo. In V.U., Lênin. *Obras Escolhidas em seis tomos, Edições “Avante!”*.

Simanke, R.T. (2019). Além do bem e do mal: algumas considerações sobre a visão psicanalítica do ódio. *Rev. bras. psicanál [online]*, 53 (1), 125-148.

Stocker, Fábio. (2007). A Agressividade. *Revista Contemporânea-Psicanálise e Transdisciplinaridade*, nº. 02, 253-262.

www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php

Winnicott, D. W. (1950-1955/1986). Capítulo XVI. Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *Da Pediatria à Psicanálise*. Francisco Alves.

Winnicott, D. W. (1959-1964/1990). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?. In D. W. Winnicott, *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Artes Médicas.

Zimerman, David. (2008). Vocabulário contemporâneo de psicanálise [recurso eletrônico]. *David Zimerman – Dados eletrônicos*. Artmed.

Recebido em: 13/08/2025

Aprovado em: 09/10/2025

Sobre o autor

Marcus Vinícius Branco de Assis Vaz

Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Letras (Inglês-Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Pós-graduado *Lato Sensu* em Política e Relações Internacionais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

Trabalha como tradutor dos idiomas inglês, francês e espanhol.

Aluno do Curso de Formação Psicanalítica do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise.

E-mail: mvbranco.rj@gmail.com